"Temei a Deus, e dae-Lhe gloria..."
"Caiu, caiu Babylonia..."
"Se alguem, adorar a besta e sua imagem, e receber o signal do seu nome... o tal beberá do vinho da ira de Deus..."
Apoc. 14: 6-12.

"Liga o Testemunho, sella a lei entre os Meus discipulos."
Isa. 8: 16.

Observador da Verdade

A Lei — E ao Testemunho... Isa. 8:20.

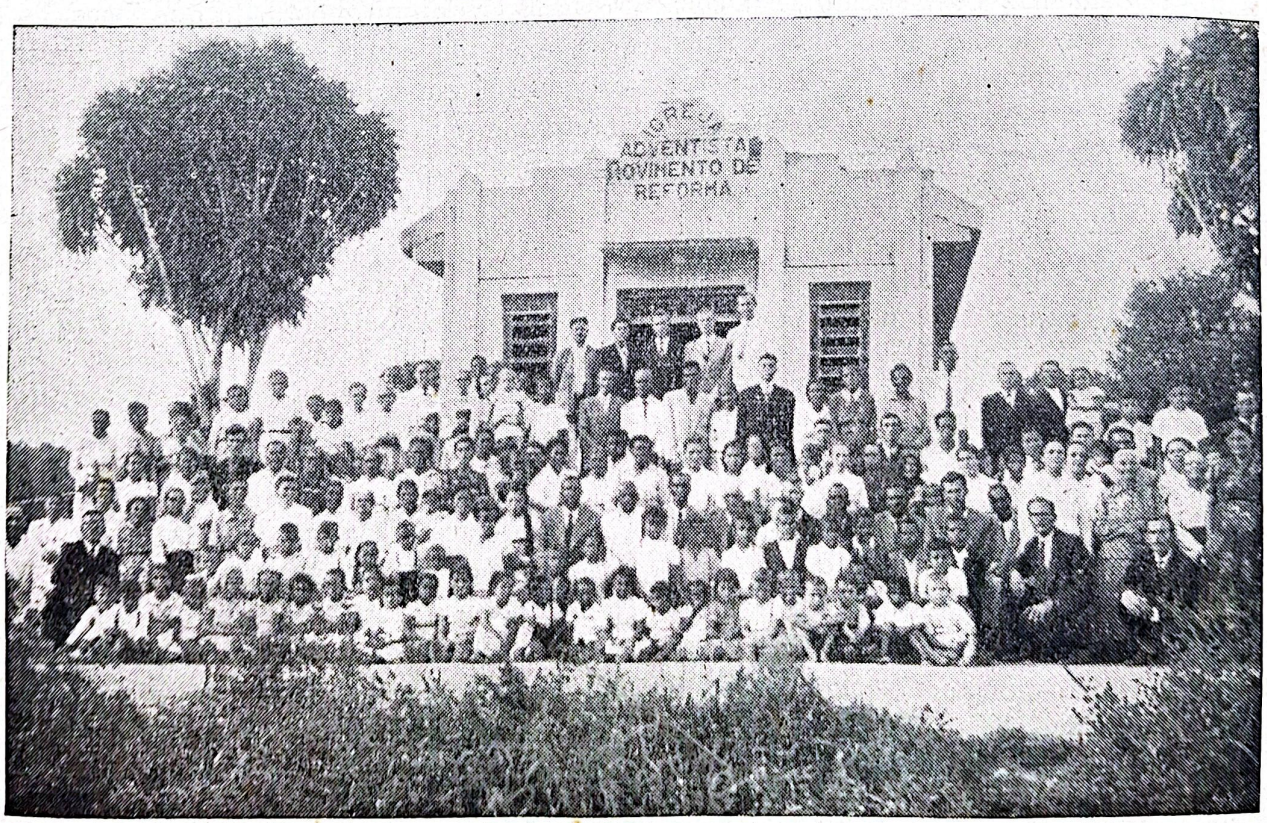
Apocalypse 18:1-4.

ANO XVII | Suplemento de "O Fiel Orientador" | NÚMERO 4

OS LUGARES DESERTOS DA TERRA

Com humilde confiança em Deus, devem as famílias estabelecer-se nos lugares desertos de Sua vinha. Consagrados homens e mulheres são necessitados para estar como árvores frutíferas de justiça nos lugares desertos da Terra. Como recompensa de seus abnegados esforços para semear as sementes da verdade, haverão de segar colheita farta. Ao visitarem uma família após outra, abrindo as Escrituras aos que jazem em trevas espirituais, muitos corações serão tocados.

Nos campos onde as condições são tão desfavoráveis e desanimadoras que muitos obreiros se recusam ir para lá, maiores transformações no sentido do melhoramento se poderiam efetuar pelos esforços de abnegados membros leigos. Êsses humildes obreiros produzirão muito, pois desenvolvem pacientes e perseverantes esforços, não confiando na capacidade humana, mas em Deus, que lhes concede Seu favor. A soma de bem que êsses obreiros realizam jamais será conhecida neste mundo. 3TSM:85.



Os assistentes à Conferência do Cedro, Est. S. Paulo, em janeiro de 1957

A SANTIDADE DOS VOTOS

Por E. G. White

A breve mas terrível história de Ananias e Safira foi traçada pela pena da inspiração para benefício de todos quantos professam ser seguidores de Cristo. Essa importante lição não tem penetrado suficientemente no espírito de nosso povo. Seria proveitoso para todos considerarem refletidamente a natureza da séria ofensa pela qual êsses culpados foram postos como exemplo. Essa assinalada demonstração da justiça retribuidora de Deus, é terrível, e deve levar todos a temerem e a tremerem de repetir pecados que trouxeram tal punição. O egoísmo, eis o grande pecado que deforma o caráter dêsse culpado casal.

Juntamente com outros, Ananias e sua espôsa Safira haviam tido o privilégio de ouvir o evangelho pregado pelos apóstolos. O poder de Deus secundava a palavra falada, apoderando-se de todos os presentes profunda convicção. A enternecedora influência da graça de Deus tivera sôbre o coração dêles o efeito de libertá-los do seu apêgo egoísta às posses terrenas. Enquanto se achavam sob a direta influência do Espírito de Deus, fizeram o voto de dar ao Senhor certas terras; ao dissipar-se, porém, essa influência celeste, a impressão era menos forte, e êles começaram a duvidar e a recuar do cumprimento do voto que haviam feito. Pensaram que haviam sido muito precipitados, e queriam reconsiderar o assunto. Abriu-se assim uma porta pela qual Satanás entrou imediatamente, tomando-lhes posse da mente.

Êsse caso deve ser uma advertência a todos para que se guardem da primeira aproximação de Satanás. Primeiro, foi nutrida a cobiça; depois, envergonhados de que os irmãos soubessem que sua alma egoísta tinha má vontade de dar aquilo que haviam solenemente consagrado e prometido a Deus, foi praticado o engano. Consideraram o assunto juntos, e decidiram deliberadamente reter parte do preço da herdade. Quando convictos de sua falsidade, o castigo dêles foi morte instantânea. Sabiam que o Senhor, a quem haviam defraudado, havia-os achado; pois Pedro disse: "Por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, e retivesses parte do preço da herdade? Guardando-a não ficava para ti? E, vendida, não estava em teu poder? Por que formaste êste desígnio em teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus". Atos 5:3 e 4.

Era necessário um exemplo especial a fim de guardar a jovem igreja de ficar desmoralizada; pois seu número crescia ràpidamente. Era assim a todos os que professavam a Cristo naquele tempo, e a todos os que houvessem de professar-Lhe o nome posteriormente, a advertência de que Deus exige fidelidade no cumprimento dos votos. Não obstante êsse assinalado castigo do engano e da mentira, no entanto os mesmos pecados têm sido muitas vêzes repetidos na igreja cristã, e se acham largamente disseminados em nossos dias. Foi-me mostrado que Deus deu êsse exemplo como advertência a todos os que fôssem tentados a proceder semelhantemente. O egoísmo e a fraude são diàriamente praticados na igreja no reter de Deus aquilo que Êle reclama, roubando-O assim, e entravando suas disposições para difundir a luz e o conhecimento da verdade pela extensão e largura da Terra.

Manter a obra de Deus

Em seus sábios planos, Deus fêz com que o progresso de Sua obra fôsse dependente dos esforços pessoais de Seu povo, e de suas ofertas voluntárias. Aceitando a cooperação do homem no grande plano da salvação, conferiu-lhe insigne honra. O ministro não pode pregar a menos

que seja enviado. A obra de comunicar a luz não depende ùnicamente do ministro. Tôda pessoa, ao tornar-se membro da igreja, compromete-se a ser representante de Cristo mediante o viver a verdade que professa. Os seguidores de Cristo devem levar avante a obra que Êle lhes deixou a fazer quando ascendeu ao Céu.

Importa que se apoiem as instituições que são instrumentos de Deus no promover Sua obra na Terra. Devem-se erigir igrejas, estabelecer escolas, e aparelhar as casas editôras com os meios necessários à realização de uma grande obra na publicação da verdade a ser propagada por tôdas as partes do mundo. Essas instituições são ordenadas por Deus, e devem ser mantidas com dízimos e ofertas liberais. À medida que a obra se dilata, necessitar-se-ão de meios para que ela avance em todos os seus ramos. Os que se converteram à verdade e se fizeram participantes de Sua graça, podem tornar-se coobreiros de Cristo mediante sacrifícios e ofertas a Êle feitos voluntàriamente. E quando os membros da igreja desejam, em seu coração, que não haja mais pedidos de meios, estão virtualmente dizendo que ficam satisfeitos com a falta de progresso da causa de Deus.

CONFERÊNCIA DISTRITAL EM CEDRO

Por A. Lavrik

"Grandes coisas fêz o Senhor por nós e por isso estamos alegres". Salmo 126:3.

Em bom número de irmãos e irmãs, partimos no dia 11 de janeiro dêste ano, rumo ao lugar destinado para uma conferência distrital em Cedro, Estado de São Paulo.

De passagem por São Vicente, juntaram-se ao nosso grupo mais alguns irmãos, e, em Itanhaem, embarcaram ainda outros irmãos, de maneira que o vagão foi quase lotado com os nossos. E, assim, prosseguimos, alegres, a viagem. Enquanto uns cantavam, outros distribuíam folhetos no trem e nas estações, chamando a atenção do povo para a breve volta de Jesus.

Ao chegarmos a Cedro, um bom número dos nossos irmãos estava à nossa espera, na estação. O encontro era um vivo testemunho da amizade que reina nos corações dos que acalentam a mesma fé e esperança.

Os membros de Cedro e Juquiá, dois lugares próximos um do outro, fizeram o que puderam para hospedar os muitos visitantes com cuja chegada contavam. Uns foram acomodados nas próprias casas dos irmãos; outros, nos quartos que há na parte posterior do templo; e outros, nas barracas que ali se armaram. Estiveram ali umas 250 pessoas entre membros e interessados.

Tivemos boas reuniões sexta-feira à noite, sábado e domingo. Domingo a festa assumiu um aspecto mais importante, pelo batismo de oito preciosas almas, que, decidindo seguir o Senhor, foram sepultadas nas águas. Muita gente de Cedro foi assistir à cerimonia do batismo. Já

muitas vêzes Cedro testemunhou tal cerimônia, pois faz já mais de vinte anos que a mensagem da verdade presente ali chegou. Além disso, o templo de Cedro foi o primeiro que a Reforma construiu no Brasil. E o povo do lugar tem simpatia pela nossa igreja.

Os que foram batizados na conferência

Depois do batismo, seguiu-se a celebração da Santa Ceia e outras reuniões animadas.

As reuniões noturnas foram feitas com auxílio de projeção luminosa, o que deu mâior entusiasmo às reuniões e serviu para melhor fixar na mente dos ouvintes os assuntos apresentados.

O Senhor, outrossim, nos ajudou com respeito ao tempo. Não choveu e a temperatura era agradável.

O espírito hospitaleiro dos irmãos de Cedro e Juquiá viu-se especialmente domingo, quando serviram fartas refeições aos hóspedes. Em todos os rostos transparecia o espírito de satisfação, alegria e amor fraternal. Aquela reunião até parecia uma festa de tabernáculos do Israel antigo. Oxalá que aquêles irmãos cresçam mais no amor fraternal, enquanto se preparam para habitar em companhia de sêres celestiais (Lucas 16:9), no eterno reino da glória! Ocasiões como essa são belas, e deixam marcos na memória da nossa vida cristã. Queira Deus que reuniões como a de Cedro se repitam com freqüência, e em muitos lugares, entre nós.

Ainda domingo à noite despedimo-nos dos queridos irmãos de Cedro e arredores, pois segunda-feira bem cedo devíamos embarcar — uns para Itanhaem, outros para São Vicente, outros para São Paulo, e alguns outros para outros lugares.

As saudades que aquela reunião deixou nos corações dos que ali estiveram, pedem outra reunião, talvez nalgum outro lugar, na mesma zona.

Queira Deus abrir caminhos para que a zona litorânea, tão promissora no terreno da conquista de almas, seja brevemente atingida em tôda a sua extensão. No momento temos poucos obreiros que possam atender a êsse grande campo, e, como obreiro efetivo, só está trabalhando ali, atualmente, o irmão Antonio Xavier, com residência em São Vicente, de onde êle atende às igrejas de São Vicente, Itanhaem, Cedro, bem como o grupo de Juquiá e alguns outros que se estão formando em diversos lugares. Aquela zona conta bom número de interessados.

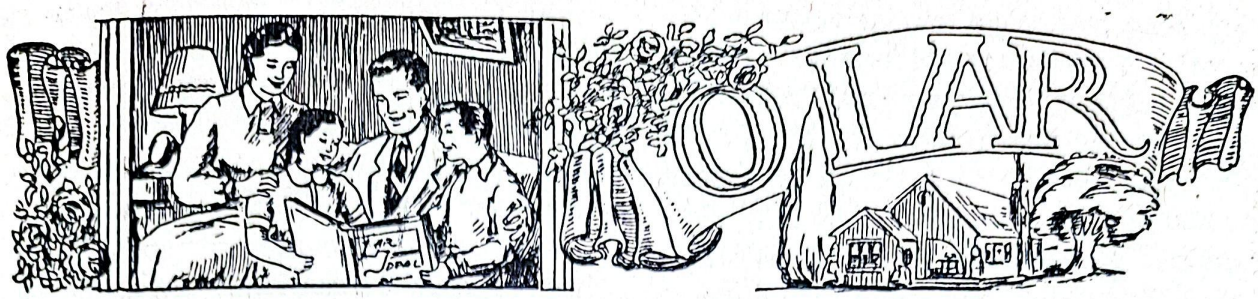
Oremos pelo progresso da obra no litoral paulista, e oremos para que Deus desperte mais obreiros e colportores para o trabalho de salvação de almas!

(Cont. da pág. 16)

lo para a provisão dos meios didáticos (da arte de ensinar) mais indispensáveis, com os que poderia tornar sua classe um centro vivo de interêsse, capaz de cativar a atenção das criancinhas e facilitar a aprendizagem.

IMPORTANTE:

Incumbe aos professôres: a) Estudar o texto, reler as fontes de consulta, decorar o verso áureo e o alvo da lição correspondente; b) Exigir aos alunos, especialmente aos que sabem ler, com a ajuda dos pais ou tutôres, que decorem o verso áureo e o estudo da exposição da divisão primária e da narração ou história na divisão do jardim da infância. Os que podem estudar o texto da lição, melhor ainda; c) Antes de se apresentarem perante seus alunos, os professôres deverão ensaiar repetidas vêzes a exposição da lição.



A OBEDIÊNCIA

Diz a Sagrada Escritura que Aquêle que veio ao mundo para servir de Modêlo e Mestre a todos os homens, foi submisso e obediente aos Seus pais até aos trinta anos, enquanto crescia em sabedoria e graça diante de Deus e dos homens. Poucos são, infelizmente, os jovens de quem se pode hoje dizer a mesma coisa! Antes, pelo contrário, por tôda a parte ouvem-se queixas da indocilidade dos jovens e da grosseira dos seus costumes, e isso em uma época em que se julga ter atingido o apogeu da civilização. Enfim, é um dos sinais dos tempos. Estamos vivendo nos dias finais da história dêste mundo, dos quais o apóstolo diz:

"Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos. Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, *desobedientes a pais e mães*, ingratos, profanos, sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus." II Tim. 3:1-4.

Mas o que é ainda mais deplorável é que os pais são grandemente responsáveis por êste estado de depravação existente. Há pais demasiado indulgentes, que se não fazem respeitar nem obedecer pelos filhos.

Seria bom se os pais que negligenciam seu dever neste ponto, meditassem na história de Eli e seu filhos (I Sam. 2: 12-36; 3,4), bem como nestas palavras da Bíblia:

"Mas se alguém não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da sua família, negou a fé, e é pior do que o infiel". I Tim. 5:8.

"Aquêles que seguem suas próprias inclinações, com uma afeição cega para com seus filhos, condescendendo com êles na satisfação de seus desejos egoísticos, não fazem uso da autoridade de Deus para repreender o pecado e corrigir o mal, tornam manifesto que estão honrando seus ímpios filhos mais do que a Deus. Estão mais ansiosos por defender a reputação dêles do que glorificar a Deus; mais desejosos de agradar a seus filhos do que comprazer ao Senhor e guardar o Seu serviço de tôda a aparência do mal...

"Muitos... julgam que conhecem um meio melhor para educar seus filhos do que aquêle que Deus deu em Sua palavra. Alimentam neles más tendências, insistindo nesta desculpa: "São muito novos para serem castigados. Esperemos que fiquem mais velhos, e possamos entender-nos com êles.' Assim os maus hábitos são deixados a se fortalecerem até que se tornam uma segunda natureza. Os filhos crescem sem sujeição, com traços de caráter que são para êles uma maldição por tôda a vida, e que podem reproduzir-se em outros.

"Não há maior desgraça para os lares do que permitir que os jovens sigam o seu próprio caminho. Quando os pais tomam em consideração todo o desejo de seus filhos, e com êstes condescendem no que sabem não ser para o seu bem, os filhos logo perdem todo o respeito para

com seus pais, tôda a consideração pela autoridade de Deus e do homem e são levados cativos à vontade de Satanás. A influência de uma família mal dirigida é dilatada, e desastrosa a tôda a sociedade. Acumula uma onda de males que afeta famílias, comunidades e govêrnos." PP: 641, 643.

Outros pais, pelo contrário, são demasiadamente severos com os seus filhos. A êstes aconselhamos que ponderem na seguinte exortação bíblica:

"E vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor". Ef. 6:4.

Tanto um como outro extremos são inconvenientes e dão lugar a muitos dissabores.

Há pais que perdem tôda autoridade paterna sôbre seus filhos, quando êstes alcançam a idade dos 13 ou 14 anos. Os menores levantam-se e deitam-se, saem e entram, quando bem entendem, e os pais procedem como se não tomassem conhecimento da maneira como seus filhos andam. Assim não se estabelece uma família bem ordenada. Êsses jovens, geralmente, se entregam a vícios e seu fim é desastroso. Não toleram restrições. Não querem ouvir falar em estudo, em ordem, em economia, em integridade. E vão descendo, imperceptìvelmente, o abismo da perdição.

Não encontrando embargos em sua carreira nefanda e desastrosa, perdem, bem depressa, todo o respeito pelos que lhes deram a existência e, às vêzes, até chegam a esbofeteá-los. Se não o fazem literalmente, pelo menos moralmente o fazem. Os pais lamentam o proceder dos seus filhos, e tarde, compreendem que estão a colhêr os frutos da semente que êles mesmos lançaram.

Esquecem também que, assim como todos temos o dever de obedecer aos preceitos divinos, têm os filhos o dever de obedecer às ordens paternas, enquanto estas não se oponham à lei de Deus. É êste o único freio para a autoridade paterna.

Tôda indulgência dos pais em favor dos filhos é desfavorável a ambos, pois cada concessão pede novas concessões, e estas, repetindo-se e avolumando-se, levam os jovens ao ponto de não mais pedirem, para coisa alguma, licença dos pais.

Os pais devem proceder com grande circunspecção e prudência, a fim de não perderem a autoridade que possuem. Uma vez dada uma ordem, não devem revogá-la sem motivo grave, porque tôda contradição produz mau efeito sôbre os filhos. Seria um grave êrro se o pai desautorizasse a mãe, ou a mãe ao pai.

Devem os pais esforçar-se, sempre, por convencer os seus filhos de que a obediência é a mais linda coroa da juventude.

Há pais que são demasiado severos para com os seus filhos, e que a cada instante os repreendem com palavras duras e grosseiras. Eis um passo errado! Assim nada mais conseguem senão formar, nos menores, caracteres vis. O que se chama obediência cega tem os seus limites e só se deve exigir de crianças de pouca idade, cuja inteligência não esteja suficientemente desenvolvida para indagar e conhecer a razão das coisas. A cega submissão às ordens paternas deve transformar-se, a pouco e pouco, em obediência convicta. Os menores devem conhecer a razão por que seus pais ordenam uma coisa de preferência à outra. Devem compreender os fundamentos sôbre que repousa a obediência.

Se um menino de dois ou três anos quer pegar numa faca para cortar alguma coisa, bastará dizer-lhe: "Criança não pega em faca". Mas se um rapaz de quatorze ou quinze anos quer sair com maus companheiros, ou quer ir ao cinema, ou quer ler gazetinhas infantis, perniciosas, ou quer fumar, ou quer fazer qualquer coisa que tenda a pervertê-lo, não bastará um simples "não" categórico; neste caso será preciso fazer-lhe ver quão prejudicial lhe será fazer tais coisas, para que, em virtude dêsse conhecimento reflexivo, desista dos maus propósitos, a fim de que se habituem a fugir do mal e a

praticar o bem, sem necessidade de sugestão alheia; pois nem sempre terão ao seu lado um mentor a guiá-las.

As meninas são, geralmente, mais dóceis que os rapazes. Por isso importa levá-las sempre pelo caminho da convicção, fazendo-lhes como que tocar com a mão as vantagens de certas coisas e as desvantagens e perigos de outras coisas. Não basta, por exemplo, proibir autoritàriamente a uma jovem o uso de tal ou qual vestido segundo a moda. É incomparàvelmente mais racional e mais útil mostrar-lhe os inconvenientes dessa moda, apontando-lhe um caso concreto que mostre os prejuízos físicos e morais que lhe hão de advir do uso do que quer que seja impróprio, para que, voluntàriamente, abandone, por convicção, o ridículo da moda.

A maioria dos pais não levam em conta essa diferença entre a obediência cega da criança que não chegou à idade do uso da razão, e a obediência voluntária e consciente. Dessa falta de distinção provêm sérios males, como se vê a cada passo. Poucas vêzes convém exigir obediência cega de crianças, capazes de refletir. Por via de regra, é mais prudente falar-lhes ao coração, à inteligência, do que forçar-lhes a vontade. A imposição só é admissível com relação a crianças que, carecendo de discernimento, adquirem, pela prática da obediência, o discernimento entre o bem e o mal, e se acostumam a praticar o bem pelo hábito primeiramente e pela fôrça da convicção mais tarde.

Tenham os pais, primeiramente, certeza se êles mesmos conhecem, pelo contínuo estudo da Bíblia, a vontade de Deus, e se êles mesmos lhe estão obedecendo, e então procurem, sempre, fazer ver aos seus filhos que tudo quanto lhes ordenam tem o seu fundamento na vontade divina e só visa trazer-lhes benefícios, e que, pelo contrário, o que lhes proíbem só lhes traria prejuízo.

A Redação

O PERIGO DA POEIRA

Por Maria A. A. Balbachas

Em "O ESTADO" de 20 de junho de 1957, lemos:

"Os vendedores ambulantes voltaram ao Centro da Cidade, atravancando as ruas com suas carrocinhas e bancas. Estão vendendo de tudo, novamente,... frutas, mortadela, uvas passas, limões, queijos e outras coisas. Essa heterogênea mercadoria é exposta aos insetos, à poeira, e ao contacto das mãos dos possíveis compradores".

A propósito desta falta de higiene, sentimo-nos obrigados a dizer alguma coisa. É fato que vemos, não só com os vendedores ambulantes, com os feirantes e com os doceiros na rua, senão também nas lei-

terias e confeitarias, doces, goiabadas, manteiga, e muitos outros comestíveis à mercê das môscas e da poeira.

Os habitantes das cidades vivem numa condição higiênica precária. A atmosfera que respiram é carregada de poeira. A poeira é especialmente perigosa, pois as partículas minerais ou orgânicas que lhe constituem a massa, servem de abrigo a milhões de micróbios — agentes de inúmeras enfermidades infecciosas — que procedem dos domicílios, em grande parte habitados por enfermos. O lixo que se varre, a poeira que se escova das roupas e que se sacode dos tapêtes, lançam para a rua enorme quantidade de partículas cheias de micróbios patogênicos.

A sujidade das vias públicas procede, pois, em boa parte, da limpeza efetuada nas moradias particulares. Procede também dos doentes que circulam. Há enfermos que hoje se acham aparentemente sãos, mas amanhã cairão na cama. Já hoje, porém, na primeira fase da moléstia, segregam e expectoram produtos virulentos. Circulam também muitos convalescentes, que estão nas fases finais da cura, mas que ainda oferecem o perigo do contágio. Especial referência merecem os inúmeros sifilíticos e tuberculosos que em tôdas as partes espalham os bacilos de que são portadores.

Assim como os micróbios, em boa parte, saem das residências para contaminar os lugares públicos, também são, dêstes lugares, veiculados para as residências, mediante o calçado, a roupa e o vento. A permuta é contínua. Não estão, pois, fora do perigo as crianças que brincam em casa, rolando-se na sala, nos quartos, ou no quintal, e levando os dedos à bôca a todo o instante, porque tudo — os brinquedos, o calçado, a roupa, os tapêtes, o soalho, etc. — está contaminado.

Mas, como quer que seja, o perigo que se pode evitar deve-se evitar. Seja, pois, lembrado que a poeira e os micróbios que ela contém não penetram no organismo apenas pelas vias respiratórias, com o ar que respiramos, e com o levar da mão à bôca; penetram também por um caminho que os torna mais perigosos, a saber, pelos alimentos que tomamos.

Um costume que prevalece nas cidades, e que merece ser classificado como escândalo contra a higiene, é a exposição de gêneros alimentícios não laváveis. Tais alimentos se tornam sob estas condições, prolífera fonte de perigosas infecções.

Nas casas particulares também é assim. A cozinha está cheia de comidas destapadas. Sôbre a mesa, fogão, pia e guarda-comida, encontra-se pão, gordura, mel, salada, sopa, leite, feijão, arroz, batatinha, etc., apanhando poeira à vontade. Muitas vêzes, nem mesmo ao varrer a cozinha a dona da casa se lembra de cobrir os pratos da cozinha. Nestas condições, é impossível defender a saúde contra os incontáveis batalhões de micróbios. Como se não bastasse o fato de êles nos envolverem de todos os lados, ainda ingerimos grossas camadas dêles, com os alimentos que tomamos. Estamos, constantemente, expostos a grandes perigos.

É possível, todavia, em grande parte atenuar êstes perigos, e não seria impossível, com boa vontade, suprimi-los quase completamente.

Os alimentos como os que atrás mencionamos devem ser, sempre, rigorosamente lavados e tapados. O pó que por tôda parte se acumula deveria ser removido com um aspirador de pó. Mas, como a aquisição dêste objeto não está ao alcance de todos os bolsos, pode-se fazer a limpeza do pó com um pano úmido. Sacudir o pó e varrer a casa como habitualmente se faz, são práticas homicidas que deveriam desaparecer. Seria mil vêzes melhor deixar o pó repousar sôbre os móveis, do que pô-lo em circulação com o espanador, porque isto é o mesmo que dá-lo a aspirar a todos os que se encontram na casa. E, no final das contas, o trabalho se mostra inútil, pois o mesmo pó novamente se deposita nos móveis e em

todos os lugares de onde foi espantado, e todo o trabalho não passa de mero simúlacro de limpeza.

O pó deve ser removido com pano úmido. Quando as boas donas de casa compreenderem que semelhante operação, embora pouco mais demorada, é em compensação mais radical, os domicílios se tornarão mais higiênicos e deixarão de oferecer aos seus ocupantes o perigo que lhes oferecem.

Não vamos falar sôbre a higiene nos lugares públicos, pois, individualmente, não poderemos resolver êste problema. Mas fazemos lembrar que nos países mais civilizados, é proibido escarrar na rua, sendo que qualquer transeunte apanhado em flagrante delito é condenado a uma multa. As ruas são mais limpas que o soalho de muitas casas que temos visto.

Se, pelo menos, as ruas aqui fôssem regular e abundantemente regadas, não estaríamos, a cada momento, sujeitos a ser apanhados por densas nuvens de poeira carregada de micróbios.

Conhecidos os perigos que oferecem os alimentos expostos nas ruas, cuidemo-nos muito de comprar para nós ou para nossos filhos, doces, bolinhos, sanduíches, pastéis, refrescos, etc., que estejam apanhando pó.

APERFEIÇOA-TE

Por Alfonsas Balbachas

Antes de adquirires riquezas materiais, deves esforçar-te por adquirir dotes intelectuais, porque, sem êstes, aquelas serão como finos ornamentos de ouro e prata expostos num reles porão de uma casa. E, antes de obteres dotes intelectuais, deves empenhar-te em desenvolver um caráter probo, divinamente aprovado, sem o qual os outros dois elementos serão nas tuas mãos instrumentos para tua própria perdição.

Não te preocupes, portanto, em ficar rico em bens dêste mundo, porque esta espécie de riqueza não tem muito valor. Empenha-te antes em ficar rico em bens espirituais, morais e intelectuais. Impossível te será, naturalmente, fazer neste terreno amplas conquistas dentro de pouco tempo, mas nunca te deves cansar e desanimar nos teus esforços por alcançar êste grande alvo. Vai à praia e observa o que a água faz com a pedra. Ela bate e bate até cortar. É porque na perseverança há uma fôrça quase irresistível. Apesar de que outros te considerem inapto, e ainda que tu mesmo te tenhas algumas vêzes considerado como tal, o mínimo que és capaz de fazer, se perseverares, é o que a "água mole" faz com a "pedra dura".

Se gostarias de ter certos dons de que careces, deves primeiramente apreciar os dons que Deus te deu, e não só apreciá-los, mas também desenvolvê-los. Os talentos naturais são sempre os mais fortes. Poderás, não obstante, cultivar também talentos adquiridos.

"Cada faculdade no homem", escreve E. G. White, "é um artífice que constrói para o tempo e para a eternidade. Dia a dia a estrutura progride, ainda que o possuidor não se aperceba disso. É um edifício que deve servir como farol de advertência por causa da sua deformidade ou como uma obra admirada até por Deus e pelos anjos, por causa de sua harmonia com o Modêlo divino. As faculdades mentais e morais que Deus nos deu, não constituem o caráter. São talentos que devemos aperfeiçoar e que, se devidamente aperfeiçoados, formarão um caráter verdadeiro. Pode um homem ter preciosa semente em suas mãos, mas essa semente não é um pomar. A semente deve ser plantada antes que possa tornar-se uma árvore. A mente é o terreno; o caráter são os frutos. Deus nos deu as nossas faculdades para as cultivarmos e desenvolvermos. Nossa própria conduta determina nosso caráter. Para educar essas faculdades de maneira que haja nelas harmonia, e formar um caráter valioso, temos uma obra que ninguém pode fazer a não ser nós mesmos".

O princípio: — "Necessário vos é nascer de novo" — enunciado pelo Mestre dos mestres, é tão imprescindível no terreno da teologia como no da vida prática.

O. S. Marden, escritor de renome, fala de uma pessoa que atribuía sua prosperidade principalmente às máximas que trazia no seu canhenho, entre as quais se destacavam estas:

1) Cada dia é um novo começo.
2) Tôdas as manhãs se renova o mundo.
3) Quando cessa o progresso, começa a decadência.

Educa-te a ti mesmo, cada dia, para a vida, tirando lições da própria vida. Ao fim de cada dia, passa em revista as lições que praticaste durante o dia. Vê onde fizeste mal e onde fizeste bem, e propõe-te, para o dia seguinte, evitar o mal e duplicar o bem. As lições teóricas que te chegam à mente, quer pela leitura de bons livros, quer por bons conselhos de pais, professores ou guias religiosos, quer por outro meio, deves entremeá-las na experiência da vida diária.

A auto-educação é a mais eficaz das várias formas de educação, porque é como uma vestimenta talhada, não em traços gerais, de modo a se adaptar a todo o mundo, mas, sim, talhada, ajustada e reajustada de maneira a servir exatamente à tua pessoa. É, outrossim, por não ser imposta por outrem, a mais aceitável das disciplinas.

O desenvolvimento físico do homem pode estender-se até aos vinte e cinco anos de idade. Todavia, o desenvolvimento espiritual, moral e intelectual não é limitado por idade alguma. Enquanto o indivíduo vive, deve crescer. "Sempre avançar, pois parar é morrer", era o lema dos tripulantes dos submarinos alemães. Uma planta, se não cresce, morre. Na vida individual também é assim. Pensa bem: Cada dia que passa para a eternidade, deve trazer para ti uma vitória. Um dia que passes sem acrescentares um grau de perfeição ao teu caráter, ou pelo menos, um grau de conhecimentos úteis ao intelecto, é um dia que podes convictamente considerar para ti perdido.

"Não é", escreve E. G. White, "por alguns poucos esforços débeis e intermitentes que se podem endireitar erros ou operar reformas de caráter... A luta pela conquista do próprio eu, da santidade e do céu, é uma luta que dura a vida tôda. Sem contínuo esfôrço e atividade constante, não pode haver avançamento na vida piedosa, nem obtenção da coroa de vencedor.

"A mais forte prova da queda do homem de uma condição elevada é o fato de que o voltar lhe custa muito. O caminho de retôrno só pode ser vencido por duras lutas, polegada a polegada, a tôda hora. Por um momentâneo ato de vontade pode alguém colocar-se sob o domínio do mal; mas requer mais do que um momentâneo ato de vontade partir êsses grilhões e alcançar uma vida mais elevada, mais santa. Pode estar formulado o pro-

pósito, iniciada a obra; mas sua realização exigirá labor, tempo e perseverança, paciência e sacrifício...

"Ninguém se elevará sem rijo, perseverante esfôrço em favor de si mesmo. Todos têm de empenhar-se por si mesmos nessa peleja... A mente tem de ser disciplinada, educada, treinada... Há tendências para o mal, hereditárias e cultivadas, que têm de ser vencidas... Coragem, fortaleza, mansidão, fé,... são adquiridos pela experiência de anos.".

Se nos teus esforços por arrancar as ervas daninhas dos maus sentimentos, para que as boas plantas dos nobres sentimentos possam vicejar e florir, disseres de ti para ti: — "nada de ódio, nada de inveja, nada de ciumes, nada de orgulho, nada de cobiça, nada de desejos malsãos" — e se orares a Deus para que te dê Sua graça tôda-suficiente para desarraigares êstes sentimentos, originados por Satanás, e que conspurcam e atraem a alma para um nível cada vez mais baixo, finalmente os verás extirpados. Combinando os teus esforços com a ajuda divina, serás o arquiteto da tua estrutura moral até a pureza, a beleza, a perfeição edênica. *Homo artifex vitae* ("o homem é o artifice de sua vida"), diziam, com razão, os antigos.

RELATÓRIO DE COLPORTAGEM
1.º TRIMESTRE DE 1957

Colportores	Dias de trabalho	Horas de trabalho	Livros vendidos	Bíblias vendidas	Revistas vendidas	Folhetos distribuídos	Total em Cruzeiros (Venda ao público)
ASSOCIAÇÃO SUL							
Aristóteles Bueno	43	235	811		97		108.629,00
Moisés Quiroga	70	453	354	6	38	146	51.545,00
Aderval P. da Cruz	71	395	178		222		26.650,00
Araldo Torchelsen	35	215	143		136		21.360,00
José Silva	40	316	228				19.670,00
Guilherme de Lima	23	173	152				19.000,00
Ivaldete dos Santos	64	287	127		36		18.943,00
José Policarpo da Cruz	24	153	134				17.625,00
Fernando Pizolito	42	230	79		138		12.235,00
Rubem de O. Amâncio	53	286	75		14		9.690,00
Luiz P. de Souza	48	316	64		30		8.910,00
Antonio B. da Rocha	53	263	43		20		6.005,00
Diversos	63	312	32		27		4.333,00
Total	629	3.634	2.420	6	758	146	324.595,00

ASSOCIAÇÃO S. PAULO — GOIÁS — M. GROSSO

José Gabriel da Silva	65	442	393		56		53.227,00
Nercésio Nascimento	54	305	317		97		46.130,00
José Devai	40	319	316	8	138		43.035,00
Manoel de Freitas	61	386	286		148		40.150,00
Ary Gonçalves da Silva	43	217	294		259		39.840,00
Severino F. Freitas	69	461	271		94		36.874,00
Joaquim N. Cruz	41	242	263				36.345,00
Desiderio Torok	72	518	222		36		34.730,00
Nelson Pereira	39	222	214	1	195		31.462,00
Francisco Devai	37	239	237	2	97		29.565,00
Pedro Tuleu	10	36	216		42		28.362,00
Juvenal A. Luz	30	194	205	2	272	1.000	26.158,00
Antônio Souza Aguiar	59	407	156	1	166		24.566,00
Martiniano B. Nascimento	33	210	152		192		22.660,00
Geraldo Nascimento	36	150	158		80		22.145,00
Ananias Borges	53	275	161		93		20.927,00
José Enoque Santiago	48	254	152				20.715,00
Casemiro A. Lima	28	196	150	3	97		20.185,00
João Tavares Santana	23	101	119		66		18.115,00
David Katona	40	215	119		106		16.403,00
Marcolino B. Rodrigues	53	355	93	3	85		13.915,00
Antônio Convento	50	139	83		112		12.395,00
Francisco Gonçalves	19	94	74		80		9.860,00
Manoel Marques Maciel	27	169	65		52		9.634,00
José Tavares Santana	20	71	56		20		8.210,00
Jovelino José Carvalho	51	450	52		60		7.485,00
José Ferreira Sandes	23	134	58	7	35		7.088,00
João Alves de Lima	8	57	16		50		2.510,00
José Orivaldo Pereira	22	114	10				1.230,00
Total	1.154	6.972	4.908	27	2.728	1.000	683.921,00

ASSOCIAÇÃO RIO — MINAS — E. SANTO

Agostinho S. da Silva	70	470	602		223	38	77.797,00
Antônio Pereira da Silva	62	317	157		255		21.105,00
Pedro P. da Silva	44	205	142	3	102		18.748,00
Luiz Nunes Viana	24	143	154				15.000,00
José M. Maravilha	28	94	68		67		9.909,00
Leóncio Ruiz	50	256	69				9.855,00
Almir de Azevedo	22	43	76				6.272,00
José Washington	20	120	66		38		5.730,00
Jayme Ramalho	45	254	22				2.740,00
Mauro de Alcântara	43	236	12				1.890,00
Total	408	2.138	1.368	3	685	38	169.046,00

ASSOCIAÇÃO NORDESTE

Antonio Alves da Silva	23	127	164		36		22.288,00
José P. das Neves	22	135	72				9.470,00
José Domingos N. Santos	68	504	39	12	13		4.850,00
João Manoel dos Santos	14	86	47			200	3.683,00
Diversos			4		9	360	298,00
Total	127	852	326	12	58	560	40.589,00
Total da União	2.318	13.596	9.022	48	4229	1736	1.218.151,00

O DOM DE PROFECIA NA IGREJA CRISTÃ — XIV

Por J. N. Loughborough

A obra prática do dom

Já mostramos nove pontos em que as visões da sra. White se parecem às descritas na Bíblia. Talvez convenha fazer ver, logo, como a maneira por que opera o dom que ela tem se harmoniza com uma obra semelhante, descrita nas Escrituras.

Ao passar-se a considerar a manifestação dos dons do Espírito, convém sempre lembrar a ordem em que tais dons se desenvolvem segundo indica o Senhor em Sua Palavra. Isto ajuda a fazer saber se uma professa manifestação do dom profético é genuína ou falsa. À referida ordem se refere o apóstolo Paulo em sua epístola aos Coríntios, onde diz: "E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas". I Cor. 12:28.

Considerando-se as palavras do apóstolo com respeito à relação que êsses dons têm com a obra evangélica, vem logo o motivo por que se observa esta ordem. Fazendo Paulo uma comparação entre os dons, diz: De sorte que as línguas são um sinal, não para os infiéis, mas para os fiéis . I Cor. 14:22.

Segundo estas palavras, é evidente que o Senhor deseja Suas advertências especiais ao mundo sejam tiradas de Sua palavra. E, assim, Êle leva os homens a esquadrinhar as Escrituras para que saiam como apóstolos levando as mensagens divinas e proclamando-as como sendo da Bíblia e como tendo resistido às provas dos séculos.

Nem todos os ministros do Senhor são classificados como apóstolos. Parece que êste têrmo é melhor aplicado aos chefes de um avivamento reformatório ou aos que encabeçam um novo desenvolvimento da verdade evangélica. E, à medida que vá aumentando o número de crentes, o dom de profecia, "em segundo lugar", cumpre sua missão, atuando para "o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo". Ef. 4:12.

Quando quer que um novo movimento professe ter como fundamento principal um dom profético e assim ensine coisas contrárias à Bíblia, podemos imediatamente deduzir que tal manifestação não é do Senhor, porque o genuíno dom de profecia não precede à Palavra de Deus, mas, sim, vem "em segundo lugar", para inculcar essa Palavra e sôbre ela lançar luz.

No caso de Cornélio, referido em Atos dos Apóstolos, temos uma ilustração notável sôbre a maneira como Deus opera. Um anjo do Senhor apareceu a Cornélio, dando-lhe uma visão em sua própria casa. O anjo conheceu os atos do Evangelho e foi enviado para ministrar em favor de um homem que era herdeiro da salvação. E, nessa visão, o anjo confirmou a Cornélio que sua devoção e consagração eram aceitas diante de Deus. O anjo não lhe pregou o Evangelho, mas disse-lhe que mandasse buscar a Pedro, que morava com Simão, curtidor, em Jope. Veio Pedro e, das Escrituras, lhe proclamou o Evangelho de Critso.

A obra da srta. E. G. Harmon, sob direção do dom profético, desde janeiro de 1845 até a primavera de 1846 (quase 18 meses), relacionou-se com os crentes na próxima vinda de Jesus Cristo, com os quais ela se associou prèviamente. Ao terminarem os 2.300 dias (em outubro de 1844), e até que se esclarecesse a causa do desapontamento que sofreram os crentes e a natureza do sucesso que então houve, havia perigo de que os crentes se deixassem levar por doutrinas errôneas ou abandonassem de todo sua experiência passada. A mensagem da srta. E. G. Harmon para êles foi: "O movimento que acaba de ter lugar, era de Deus. Retende firmemente a fé. O Senhor tem ainda uma obra para Seu povo. Estudai a Bíblia. Examinai a Palavra e achareis a luz".

Êste conselho se hamoniza bem com o plano divino de tirar no devido tempo as mensagens da Palavra do Senhor e de exercer em segundo lugar o dom de profecia para confirmar e edificar os crentes.

Enquanto a srta. Harmon estava ocupada em uma parte de New England, o pastor José Bates, homem de muita fé, consagrado a Deus, e que não conhecia a srta. Harmon, trabalhava em outro ponto, fazendo resplandecer pelas Sagradas Escrituras a luz sôbre a verdade do Sábado e a mensagem do terceiro anjo. Sua obra consistia em convencer a todos no tocante a estas verdades, para que os ouvintes as crêssem. Efetivamente, foi por intermédio do pastor Bates que tanto a srta. Harmon como o pastor Tiago White receberam a verdade do Sábado. Ela nunca tivera uma visão referente à questão do Sábado, até que o pastor Bates lhe mostrou as provas bíblicas em favor da observância dêsse dia.

No outono de 1846 (depois do casamento do pastor White com a srta. E. G. Harmon), como ia aumentando o número dos crentes na mensagem do terceiro anjo e no Sábado, chegou também a hora em que Deus houve por bem unir o dom de profecia com a mensagem do terceiro anjo. O pastor Bates ficou plenamente convencido da origem divina das divisões da srta. White. Desde então êsse dom profético cumpre sua missão para com os crentes, "a obra do ministério" e a "edificação do corpo (igreja) de Cristo". Por isso dizemos que o dom de profecia, em sua conexão com a mensagem do terceiro anjo, começou bem e atuou em completa conformidade com a ordem em que Deus pôs os dons na Sua igreja.

Escola Sabatina

AO PROFESSOR DOS MENORES

Por Herminio Rodríguez R.

A palavra do Senhor diz: "Instrui ao menino no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dêle". Prov. 26:6.

O alvo visado no ensino dos menores, na Escola Sabatina, é a preparação dos meninos para andarem nos caminhos do Senhor.

O professor que ministra o ensino aos menores, para o bom desempenho de sua alta missão, deve preparar-se especial e convenientemente através da formação doutrinária e pedagógica. Se a preparação doutrinária do professor é uma necessidade de primeira ordem, o adestramento pedagógico não é um requisito secundá-

rio. Se do professor de ensino comum se exige uma preparação regular, profunda e metódica para o êxito no seu trabalho, do que ensina a ciência de ganhar almas para Cristo, pela própria natureza da matéria, exige-se uma preparação ainda mais regular, mais profunda, mais metódica, adquirida por meio de abnegado esfôrço, no estudo e leitura, e perseverante oração. (Tiago 1:15; IITim. 2:15).

Consideraremos brevemente cada uma das partes principais de que consta uma lição de menores. Ei-las aqui:

A — Fundamentos doutrinários.
B — Divisão Primária
C — Divisão do Jardim da Infância, e
D — Sugestões para o professor.

O título de cada lição é o nome do tema de cada lição, a denominação do assunto a expor, o atributo que designa o conjunto organizado da tese por ensinar, da dose de verdades afins por comunicar. O sentido ou pensamento capital do tema, expresso no título, é o eixo central do assunto, em tôrno do qual giram, formando unidade e em harmonia, as partes da exposição como os raios de uma roda.

A — *Fundamentos Doutrinários*

Os fundamentos doutrinários são as bases essenciais sôbre as quais repousa o edifício ideológico da lição. Ei-los aqui.

1. *Texto*: É o corpo íntegro do escrito, cujo conteúdo constitui o tema da lição. A descrição ou narração completa do objeto ou fato, respectivamente.

2. *Verso áureo*: Como o próprio nome indica, é a parte do texto que mais sobressai ideològicamente; é o pensamento capital, o coração do corpo que é o texto.

3. *Fontes de consulta*: São os diversos mananciais literários indicados, nos quais o professor se nutrirá do conhecimento necessário para ensinar com eficiência a lição.

O professor da Escola Sabatina dos Menores, tem de esforçar-se por responder do alto privilégio que se lhe há incumbido. *Professor*: Título de honra do agente educador encarregado de apontar ensino, transmitir conhecimentos, inculcar princípios na modelável plasticidade da mente e coração dos menores. Dedicado a "ensinar", de quem disse Cristo que "será chamado grande no reino dos céus". Mat. 5:19 u.p. Incumbido de preparar, não servos para as côrtes dos impérios desta terra, mas para formar "reis" e "sacerdotes" para os tronos celestiais (Apoc. 20:4, 6); e, como tal, (o professor) deve efetuar uma correspondente preparação estudando detidamente a Bíblia, os livros doutrinários do Espírito de Profecia que apontamos e outros que contribuam para a solidificação de seu conhecimento concernente ao tema que haverá de ensinar, adquirindo absoluta certeza do assunto a expor.

B — *Divisão Primária*

Na divisão primária, constituída pelos menores, de ambos os sexos, que se acham entre os sete e onze anos de idade, a lição compreende as seguintes partes:

1. *Alvo do docente*

Alvo é o objetivo, o propósito, o fim que o professor se propõe alcançar. Todo trabalho realizado pelo ser humano visa um objetivo por conquistar, e ao sagrado dever do professor não poderia faltar êste maravilhoso atributo: a projeção de mais um raio de luz da Verdade Presente, nas mentes dos menores; mais um conhecimento necessário e útil para a edificação espiritual dos meninos.

2. *Passos no ensino*

Entende-se por passos no ensino, os vários momentos da atividade do docente, sucedidos lògicamente, durante a apresentação completa da lição.

Quatro são os principais passos a seguir no ensino das lições dos menores. No esbôço, as quatro partes metòdicamente dispostas, baseiam-se nas leis da ciência pedagógica e nos princípios da arte di-

dática, e aparecem intituladas: motivação, exposição, fixação e verificação.

Na nota que segue à chave das abreviaturas da segunda página da lição, apresentamos uma explicação sucinta dos referidos pontos indicados com as letras: "a", "b", "c" e "d".

a — O primeiro ponto explicaremos detidamente no próximo número de "O Observador". O exemplo de motivação que citamos, não é o único que se pode usar na preparação de ânimo dos educandos; o sucesso da motivação depende da maneira de sua apresentação.

b — A exposição consiste na própria apresentação do tema da lição. Nêste momento o professor fará uso dos conhecimentos adquiridos mediante o estudo do texto e a pesquisa verificada nas fontes de consulta indicadas e outros livros idôneos, sem perder de vista o verso áureo e o alvo da lição. Do minucioso estudo feito e da lógica disposição dos juízos dependem: A eficácia e destreza, a naturalidade e clareza, a profundidade e certeza da exposição. Que a autoridade e precisão do professor façam desta parte da lição um todo interessante e novo, ameno e desejável, familiar e sublime.

A ordem lógica da exposição dos juízos deverá ser tão simples e natural, que cada um dêles, contidos nos períodos ou parágrafos, encontrem seu devido lugar no correspondente ponto da verificação.

O professor lançará mão de todos os meios de expressão que creia convenientes, seja oral(falada), gráfica (escrita), visual (meios luminosos ou figuras), mímica (sinais, gestos, etc.), experimental (atividades diversas), ou pela união de duas ou mais espécies de apresentação.

c — A fixação consiste na repetição ordenada e concisa (expressão dos pensamentos com menos palavras), do tema por parte do professor, se possível ilustrando-a, e na orientação e direção ordenada do mesmo assunto por parte dos alunos. Repitam a lição em forma coletiva ou individualmente (por um aluno), a fim de facilitar a retenção do tema exposto, na mente dos educandos.

d — A verificação consiste na apreciação do resultado do trabalho, avaliação do efeito de seu esfôrço. Tendo estudado com esmêro e diligência o texto, a exposição, e lido as fontes de consulta possíveis, a verificação estará estudada e pronta. Para certificar-se de que êste ponto está pronto, basta poder ler com precisão e rapidez cada parágrafo de verificação completando as frases e orações sem escrever náda nas linhas com reticências.

C. *Divisão do Jardim da Infância*

A lição para a divisão do Jardim da Infância, constituída pelas crianças (de ambos os sexos) de dois a seis anos de idade, compreende as seguintes partes:

1 — *Alvo da lição*: entende-se por alvo da lição o propósito visado por alcançar. (Ler alvo do docente da divisão primária).

2 — *Narração*: A narração não é outra coisa que a exposição sucinta da lição para a divisão primária. (Ver esta parte). Sòmente se diferencia pela natureza de ser mais clara, simples, sucinta, precisa e interessante. O professor para a divisão do jardim da infância deve preparar-se com mais esmêro que os professôres de outras divisões.

D. — Sugestões para o professor

Entende-se por sugestões para o professor, as idéias ou pareceres dados por nossa parte, com o propósito de orientá-

(Conclui na pág. 4)

OBSERVADOR DA VERDADE

Boletim oficial da União Missionária dos A. S. D. - Movimento de Reforma - no Brasil, com sede à rua Tobias Barreto, 809 — São Paulo — Brasil
Diretor: André Lavrik
Redator responsável: Ascendino F. Braga
Escritório: R. Tobias Barreto, 809 — Tel. 9-6452
Redação, Administração e Oficinas:
Rua Amaro B. Cavalcanti, 21, V. Matilde, S. Paulo
Correspondência à
Editôra Missionária "A Verdade Presente"
Caixa Postal 10.007 — São Paulo.

CONTEÚDO DÊSTE NÚMERO: — Os Lugares Desertos da Terra — A Santidade do Voto — Conferência Distrital de Cedro — A Obediência — O Perigo da Poeira — Aperfeiçoa-te — Relatório de Colportagem — O Dom de Profecia na Igreja Cristã - XIV — Ao Professor dos Menores.